

O ENSINO HÍBRIDO E O FAZER DOCENTE: NARRATIVAS SOBRE O RETORNO DIDÁTICO PRESENTE

Rosely Maria Morais de Lima Frazão¹

Maria Aparecida Pereira Viana²

Rosiane M. Barros Santos³

RESUMO

A pesquisa aqui socializada desvela percepções profissionais sobre o impacto da migração didática ocorrida no recorte temporal pós ápice pandêmico do Covid-19 no qual o ensino híbrido parece ser confundido diariamente com o canal possível de acordo com as determinações ministeriais sobre o movimento sociosanitário cotidiano, dirimindo seu caráter dual, conector e provedor. Para essa discussão o presente material aporta-se em Lajolo (1982), Popkewitz (2001), Hall (2004), Morin (2002), Saviani (2016), Bacich; Tanzi; Trevisani (2015) e em narrativas docentes registradas em questionário estruturado via Google Forms, para compreender a dinâmica instaurada no retorno presencialmente demandado para o momento vigente.

Palavras-chave: Ensino híbrido; Pandemia; Prática pedagógica; Narrativas docentes.

INTRODUÇÃO

Ao calcorrear pelas possibilidades recursais disponíveis a profissão docente parece imperioso refletir sobre a intencionalidade e a habilidade de cada professor ao utilizá-las. Paralelo a isso é salutar compreender também o processo de formação ao qual este educador teve acesso, identificar o contexto sociocultural ao qual pertence e avaliar (com olhos de quem quer ver) seu compromisso com o diálogo letivo. Sobre este panorama, Lajolo (1982) já apontava que:

Educar, nos moldes e processos instituídos pelo Estado, ao menos em suas formas modernas e ocidentais, é uma maneira de dominar. A educação institucionalizada, através de sua multiplicação de métodos, instrumentos, pedagogias, técnicas e o resto do aparato que estamos habituados a analisar, quando analisamos educação, nunca é, como diz Paulo Freire, um que fazer neutro. (LAJOLO, 1982, p. 21)

¹ Rosely Maria Morais de Lima Frazão. Especialista em Gestão Pública pela UNEAL - Alagoas, em Educação inclusiva - CESMAC - Alagoas e Docência do Ensino Profissional e Técnico IFES - Espírito Santo. Coordenadora pedagógica do Colégio SS. Sacramento.

² Maria Aparecida Pereira Viana- Doutora em Educação: Currículo pela PUC-São Paulo- Pós-Doc em Educação pela Universidade do Minho em Portugal. Mestrado em Educação pela UFAL.

³ Rosiane Maria Barros Santos, graduada em Serviço Social e Pedagogia, mestrada em Educação pela UFAL- Universidade Federal de Alagoas, doutoranda pelo programa de pós graduação em linguística e literatura- PPGLL-UFAL.

<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semec/revista-saberes-docentes-em-acao>

Diante do excerto acima, cabe ressaltar que de tempos em tempos, a instituição escola parece aspirar por saltos inovativos que, em sua maioria, acabam por se concretizar através de releituras do já experimentado, pinceladas sobre o produto acabado, emendas ao anteriormente trajado ou ainda recortes de um molde que um dia deu errado, aceirando Popkewitz (2001, p.35) quando afirma que “O debate e a luta que produziram o conhecimento disciplinar são encobertos e um sistema de ideias estável é apresentado às crianças”. Assim pondera-se sobre as definições presentes nos documentos normativos oficiais que definem as aprendizagens e os renovados conceitos gestados em proposições pedagógicas influenciadoras do pensamento autônomo, pois a criança concebida como sujeito brincante, que se pretende livre, não pode estar relacionado a um sistema inerte que para Hall (2004, p.38) significa a perda do sentido de identidade perene, posto que “ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada.”

Neste íterim, as escolhas didáticas docentes podem ou não imprimir no processo de ensino e aprendizagem um caráter identitário e consequentemente propositivo ao desenvolvimento integral postulado nos documentos basilares da educação e, neste sentido, ter vivenciado - como profissional professor - o ápice do isolamento social demandado enquanto medida protetiva contra a pandemia do Covid-19 aparentou ser também esta uma providência socioeducativa contra a delimitação recursal, a linguagem unilateral e a desvalorização da classe.

No entanto, superado ou minimamente enfrentado o momento caótico de impossibilidades concretas é prudente refletir sobre um apontamento trazido por Lajolo (1982, p.24) ao indicar que “(...) por mais revolucionárias que sejam as obras, quer como projeto estético, quer como projeto ideológico, no momento em que delas se apropria o currículo escolar, ele as imobiliza, paralisando-as como espelho estático de um passado próximo ou remoto.”

Pois, ao conjecturar sobre o incorporado, o otimizado e/ou atualizado é fundamental ao trabalho docente (re)descobrir-se para situar-se em um momento no qual o ensino híbrido é transmutado, metaforicamente, de uma representação de um buraco negro para uma composição similar a um átomo - unidade fundamental da matéria - que pode dá origem a variadas trocas. No entanto, neste fazer, é responsável acolher os

<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semec/revista-saberes-docentes-em-acao>

apontamentos de Saviani sobre as atribuições dos processos educativos em que as orientações mediadas pelos educadores estão para além dos conteúdos e componentes, ao instigar o desenvolver das habilidades no que concerne ao pensamento, sentimento, ato e reflexão:

Em suma, os diferentes tipos de saber, do ponto de vista da educação, não interessam em si mesmos. Eles interessam, sim, mas enquanto elementos que os indivíduos da espécie humana necessitam assimilar para que se tornem humanos, isto é, para que integrem o gênero humano. Isso porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir, para saber querer, agir ou avaliar, é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. (...) (SAVIANI, 2016, p. 63).

De frente a esta construção, a presente pesquisa traz em seu bojo uma investigação argutiva/descritiva com vistas analíticas sobre a concepção da dinâmica didática vivenciada no recorte temporal do ano de 2022 no qual o retorno presencial fora demandado como premissa do continuum letivo, a partir das indicações e definições teóricas aqui presentes, buscando-se identificar ou não o gene da educação híbrida - a qual transita entre a mediação e interação presencial e a autonomia viabilizada pelo virtual - nas narrativas envolvidas, capilarizando o currículo e seus desdobramentos sociais.

METODOLOGIA

A construção aqui erguida enveredou por um caminho híbrido para validar o discurso aqui explanado e, em etapas sequenciais e cíclicas estudou o momento atual e migratório do fazer docente, pois segundo Hall (2004, p.21) “(...) a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”.

Assim, profissionais professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental da educação básica em duas instituições - uma pública e outra privada - foram convidados a participar deste estudo, em um total de doze narradores.

Com o aceite dos educadores e escolas envolvidas as autoras se debruçaram em leituras teóricas para produzir questões e estruturar formulários sintetizados em *links* a

<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semec/revista-saberes-docentes-em-acao>

partir do *Google Forms* e disponibilizados em prazos previamente anunciados via *e-mail*. Esta conjectura formou-se a partir de três propostas pedagógicas para vivências de aula, descritas em cinco indagações sequenciadas de questionários estruturados.

Propostas pedagógicas para vivências de aula - um todo híbrido

Ao retomar o apontamento de Morin (2002, p. 31) ao indicar que “(...) o conhecimento do conhecimento, que comporta a integração do conhecedor em seu conhecimento, deve ser, para a educação, um princípio e uma necessidade permanentes.” fora sugerido em uma reunião inicial realizada via *Google meet* que os professores refletissem sobre a relação que exercem com sua profissão e, diante deste (re)encontro experimentassem quatro momentos letivos - presenciais e remotos - com a intencionalidade de analisar criticamente o contexto didático-escolar migratório pós ápice pandêmico do Covid-19 e compreender as metodologias/ recursos experienciadas neste contexto.

Neste ínterim, as propostas se aportam em técnicas/instrumentos já vivenciadas pelos narradores envolvidos compondo-se assim um todo de princípio híbrido oriundo de três momentos/espacos divergentes entre si. O primeiro deles nasce de uma preleção didática colaborativa inspirada na técnica do painel integrado, implementado para dinâmica virtual, na qual tinha-se como objetivo: aprofundar o conhecimento/informação, responsabilizar os estudantes pela aprendizagem deles e de seus pares e desenvolver a atuação em equipe no componente curricular de língua portuguesa e, como recurso: *links* para pesquisa, argumentos e grupos organizados em um fórum *online*.

Já o segundo momento ampara-se na técnica dos grupos de observação e verbalização que, de modo presencial, efetivou-se com objetivo de desenvolver a atuação/comunicação social

e valorizar a pluralidade dos saberes no componente curricular de história, tendo como recursos: jornais impressos, cadernos, lápis, observação e vozes.

O derradeiro experimento letivo deu-se por meio das premissas da técnica de grupos formulando perguntas que, presencialmente, no componente curricular de matemática incorporou os objetivos de: engajar as fontes de conhecimento/informações, promover a pesquisa e potencializar a habilidade argumentativa a partir de recursos

<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semmed/revista-saberes-docentes-em-acao>

como: o celular, a calculadora, a régua e a fita métrica.

Questões emergentes do fazer presente

O verbo perguntar no processo de ensino e aprendizagem parece ter sido formado para transitar em mão única pela reta da aprendizagem e apenas ao olhar pelo retrovisor o indagante pode perceber a riqueza da paisagem da qual só enxergava a chegada. Neste sentido, o trabalho aqui socializado ousou um perguntar ampliado em tempo e espaço pela vereda fecunda do saber estético, do conhecer frenético e do olhar singelo, pois rememorando Clarice Lispector é salutar advertir: “Que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho”.

Dito isto, o questionário I indagou aos doze profissionais envolvidos as seguintes perguntas: A. No retorno presencial pós ápice pandêmico, vivenciar como professor uma aula remota, na qual o estudante é responsável por pesquisar via *links*, construir individualmente argumentos e participar graficamente de um fórum virtual para uma interação com seus pares, é satisfatório didaticamente? B. Propor uma aula de língua portuguesa através de indicações de *links* é um fazer propositivo ao processo de ensino e aprendizagem? C. Avaliar respostas discentes enviadas em um fórum *online* é favorável ao processo do acompanhamento do desenvolvimento pedagógico? D. Como o profissional professor pode potencializar a habilidade argumentativa através de aulas remotas? E. O fórum *online* é um recurso propositivo às práticas de letramentos?

No ciclo seguinte o questionário II inquiriu por meio de cinco demandas: A. Após o retorno presencial letivo a habilidade da observação foi minorizada ou ampliada no público discente? B. Como você realiza a mediação didática em meio a pluralidade dos saberes? C. A comunicação entre os pares frequentemente encontra ruídos na distração discente? D. Os jornais e/ou textos impressos são recursos convidativos ao público estudantil? E. A escrita é prazerosa e interessante aos discentes ou os mesmo preferem digitar?

Na última etapa, o questionário III traz questões como: A. Promover o engajamento didático através da produção de situações-problema é uma estratégia propositiva? B. O uso simultâneo da calculadora e do aparelho celular produz reflexões

<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semmed/revista-saberes-docentes-em-acao>

e expressões discentes a partir do impacto geracional? C. Os instrumentos que calculam a medida de massa como a régua e a fita métrica podem ser substituídos por aplicativos sem haver perda de intencionalidade pedagógica? D. As plataformas gamificadas são propositivas ao processo de ensino e aprendizagem das operações básicas da matemática? E. O contexto do ensino híbrido é uma realidade em seu lócus de atuação profissional?

Estas inquietações didático-pedagógicas povoaram as ações, intenções e reflexões dos atores envolvidos neste estudo e desembocaram em expressões que descortinaram o presente letivo como apresentado no tópico textual seguinte.

Narrativas docentes - análises antes latentes

Neste momento de socialização acadêmica as questões respondidas de forma sequenciada pelos doze profissionais envolvidos serão expostas de forma amostral e anônima com a finalidade ética e cidadã demandada.

Neste cenário, durante o primeiro ciclo vivenciado entre a proposta de aula e o envio das impressões registradas percebe-se narrativas uníssonas no sentido de percepção da realidade didática impressa sob a perspectiva do ensino híbrido denotada em respostas como: *“Sim, satisfaz minhas intenções pedagógicas, pois depois de viver o período de isolamento social ficou muito claro que precisamos usar a tecnologia ao nosso favor e acreditar em novas ferramentas para promover a educação porque os estudantes de hoje têm a informação na mão e interação via rede de forma ativa e na escola isso não pode acontecer de forma tão diferente assim e o professor tem de aprender a avaliar todas estas construções.”* (profissional e). Outra proposição que expressa a disposição do professorado ouvido em relação a migração de recursos de forma positiva é a de que: *“O fórum é um espaço formidável para interação entre os pares e observação docente, porque ali eles vão registrando o compreendido e refletindo a partir das respostas dos outros colegas.”* (profissional h) e outro profissional completa: *“A habilidade argumentativa está a todo vapor com estes meninos dominando os aplicativos, plataformas e redes porque eles têm acesso instantâneo às informações,*



<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semmed/revista-saberes-docentes-em-acao>

então perguntam mesmo pra depois contestar se realmente o professor está sabendo do assunto.” (profissional c).

A segunda etapa traz relatos também valorosos e redimensionadores do fazer docente no momento pós ápice pandêmico, desta feita as questões abordam a habilidade da observação, da mediação e das estratégias recursais. Nesta, o profissional f explana que: *“Distração sempre houve,mas percebo que quando os recursos tecnológicos são usados em sala os meninos ficam mais atentos e há mais engajamento.”* Já o profissional k afirma que: *“Para mim capacidade de observação dos alunos foi reduzida e deve ser vivida além das telas e da tecnologia, pois não podemos esquecer que eles ainda são crianças e devem viver um desenvolvimento integral”*.

Outro apontamento aborda os recursos impressos: *“São, meus meninos adoram trabalhar com jornal, no recorte, na leitura, na pesquisa, eu sempre levo alguns para a sala.”* (professor a) e ainda no contexto da leitura que imediatamente desemboca na escrita os profissionais indicam que: *“Percebo que as crianças gostam de escrever textos mais curtos, mas se convido para uma escrita no quadro, por exemplo, eles escrevem por mais tempo. Na plataforma também percebo texto pequenos digitados.”* (profissional d). Já o profissional g narra que: *“A questão da escrita é muito íntima, cada criança tem seu ritmo e seu encantamento. Na minha sala, umas gostam bastante de escrever outras já escrevem apenas quando é cobrado e se for pra digitar a mesma coisa, quem escreve muito, digita muito e quem não gosta não gosta nas duas formas”*.

O último ciclo de indagações demanda uma observação reflexiva sobre os contrapontos dos recursos didáticos, além de pesquisar sobre o contexto vigente do ensino híbrido nas instituições educacionais envolvidas. Assim sendo, as respostas enviada traçaram para esta pesquisa um gráfico temporal que valida a mescla originária do hibridismo, apontado por registros como: *“Utilizar os celulares e as calculadoras ao mesmo tempo foi uma experiência incrível e histórica porque as crianças puderam perceber que o novo e o antigo funcionam bem, trazendo a tona até uma questão social de acesso, porque os que não tinham celular tiveram a mesma experiência mediada pela calculadora.”* (profissional h). Ainda sobre os recursos o profissional b apresenta-se este outro excerto definindo que: *“A intencionalidade pedagógica nunca é perdida quando o*

<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semmed/revista-saberes-docentes-em-acao>

professor traça seu planejamento e hoje podendo contar com recursos concretos e virtuais só temos a somar ao conhecimento.”

E, por fim, o contexto do ensino híbrido pesquisado enquanto realidade ou possibilidade nas salas de aula envolvidas, o qual é revelado como: *“O ensino híbrido na minha escola se reduz a momentos de pesquisa em sala porque meus alunos não têm acesso em casa”*. (profissional i). Neste íterim o profissional b acrescenta que: *“Na realidade eu acho que o ensino híbrido ainda não bem compreendido, nadamos com a maré e aqui estamos, usamos os recursos, aprendemos muita coisa, mas a realidade híbrida mesmo acho que ainda não estamos apropriados.”*

Dito isto, é salutar compreender os espaços de atuação e as atualizações de concepções que estão sendo (re)construídas sem maiores movimentos de aprofundamento teórico e contextual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao experienciar este estudo a lição maior indica que é importante e profissionalmente ético respeitar e valorizar o ritmo e as etapas dos processos pelos quais a educação perpassa, pois os módulos, métodos e concepções historicamente instaurados demandam um fazer decantador, no qual pinga a pinga, mentes a modos, mãos a solos, olhares a poços são achados e perdidos em um misto cultural denso e tendencioso que influi e, por vezes, contribui com a manutenção de um *status quo* que margeia o todo que seria de todos se não fosse para ele ditoso.

Os profissionais professores são sobretudo humanos que carecem de movimentos de empoderamento, apoio, formação e orientação em nuances identitárias que partam do eu para alcançar o outro em diálogo e construção.

As novas e futuras gerações, no contexto socioeducacional são e sempre serão um desafio a ser desvendado e quão bom que o são para que a dinâmica do ensinar e do aprender esteja sempre viva, acesa e propositiva a seus atores. Que os recursos adentrem, implementem e alimentem a sede do saber em um suave movimento de encantar para propagar.

Assim sendo, que o híbrido origine mais e mais criações, ações e relações, pois

<https://seer.ufal.br/index.php/sda/submissions>

<https://maceio.al.gov.br/p/semec/revista-saberes-docentes-em-acao>

em um mundo em que a educação seja a chave, porta a porta se encontrará ricas paisagens.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília. MEC/CONSED/UNDIME, 2017, Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em 30/10/2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 9º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro.

LAJOLO, Marisa philbert. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a república escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: DF: UNESCO, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. 11 ed, Campinas: Autores Associados, 2012.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE ALAGOAS, **Referencial Curricular de Alagoas**. Ensino Fundamental. Alagoas: 2019.

VALENTE. José Armando. O ensino híbrido veio para ficar. In: BACICH, L; TANZI NETO; TREVISANI, F. de M. (Organizadores). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. e-PUB.